

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

DEIXE-ME FALAR - DESMISTIFICANDO A DISFLUÊNCIA

LARA KAROLINE FARIA SANTOS

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE; 2019**

LARA KAROLINE FARIA SANTOS

DEIXE-ME FALAR - DESMISTIFICANDO A DISFLUÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Orientador: Hugo Harris

SÃO PAULO
2º SEMESTRE; 2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Link do Produto Jornalístico: [youtube.com/watch?v=xKweiJbZ-04](https://www.youtube.com/watch?v=xKweiJbZ-04)

Data de upload: 11 de novembro de 2019

A todas as pessoas que sofrem com a disfluência, para que sejam tratadas com respeito e possam viver com dignidade.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que tive durante o curso de graduação, que me inspiram como jornalista. Em especial ao meu orientador, Hugo Harris, pela atenção e dedicação em me ajudar e por todos os ensinamentos que me transmitiu.

À minha fonoaudióloga, Eliana Rocha, que possibilitou o contato com todas as fontes deste trabalho e me ensinou tudo o que sei sobre disfluência.

A meu amigo e companheiro, Gabriel Arbex, que me acompanhou nas entrevistas, me ajudou na criação e execução deste trabalho e me apoiou durante toda a sua realização.

À minha amiga e colega de apartamento, Júlia Gabrielle, por me acompanhar e apoiar em cada fase de execução deste trabalho.

A Luane Faria, minha irmã, e Davi Oliveira, que me ajudaram na parte artística e criativa deste trabalho, realizando a sonoplastia do documentário.

Aos meus pais, Getúlio Cezar Ferraz dos Santos e Silvia Maria de Faria Santos, por me apoiarem todos esses anos durante o meu curso de graduação. Sem vocês, eu não teria chegado onde cheguei. Sou reflexo de todo o amor que dedicam à nossa família.

Ao Programa Universidade Para Todos (ProUni), que custeou todo o meu curso de graduação em uma universidade de excelência como o Mackenzie e sem o qual eu não teria as mesmas oportunidades que os demais estudantes desta instituição de ensino.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem em formato de documentário dos distúrbios da disfluência e as dificuldades vividas por indivíduos portadores de gagueira. Visto que a autora convive desde pequena com essa dificuldade, vivenciando o preconceito em seus círculos sociais, viu a necessidade de desmitificar o assunto. O trabalho conta com entrevistas de pessoas gagas - Gabriel Zappelloni, Kleverson Nascimento e Luciano Braga - e especialistas sobre a fala - Eliana Rocha e Astrid Ferreira -, a fim de demonstrar a discriminação e dificuldades de inserção social pelas quais passam indivíduos que gaguejam. Verificou-se, por meio de pesquisa bibliográfica - incluindo a obra de Malcolm Fraser, Gordon W. Blood e Silvia Friedman - e de campo, que o principal agravante desse problema de fluência é a cobrança da sociedade por uma comunicação verbal fluida. Nesse contexto, o próprio fato de tentar evitar os bloqueios e repetições fonéticas acaba agravando a situação. A gagueira, portanto, deve ser mais esclarecida à população, com vistas a combater o preconceito e tornar o convívio social de seus portadores mais agradável. O documentário, nesse sentido, visa causar empatia em seus espectadores para com os gogos.

Palavras-chave: Jornalismo; documentário; disfluência; preconceito.

ABSTRACT

This project presents an approach through a documentary of the difficulties lived by people who stutter. Taking into consideration that the author witness since her childhood the daily life with this disturb, she instantly saw a necessity to demystify the topic. The project predicts to do some interviews with both people that stutter and specialists in the ability of speaking - Gabriel Zappelloni, Kleverson Nascimento, Luciano Braga, Eliana Rocha and Astrid Ferreira -, in order to demonstrate how these people have been facing discrimination and harsh situations on social inclusion. It was verified through a bibliographic - mainly the work of Malcolm Fraser, Gordon W. Blood and Silvia Friedman - and field research that the main aggravating to achieve fluency is the society's charge on communicating effortlessly. In this context, the act itself of trying to avoid phonetics blocks and repetitions worsens the situation. Stuttering, therefore, must be more clarified to the population for combat the prejudice and, consequently, provide a better living for its bearers. Hence, the documentary proposed in this project aspires to promote empathy on its public regarding the ones who stutter.

Keywords: Journalism; documentary; disfluency; preconception.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Referencial Teórico	12
1.1. Disfluência	12
1.2. Documentário	15
2. Desenvolvimento da Peça	17
Considerações Finais	19
Referências Bibliográficas	22
Apêndice I - Autorizações de uso de imagem	24
Apêndice II - Cessão de direitos autorais	30

Introdução

A gagueira é caracterizada pela dificuldade de pronunciar frases de forma fluida, interrompendo a comunicação fonética de um indivíduo por meio de bloqueios e repetições de sons da fala. Durante a X Semana da Fonoaudiologia da UNICAMP, a especialista Friedman (2007, p.189) definiu a gagueira como o efeito, na forma de falar, de um funcionamento subjetivo-discursivo inadequado, construído no processo de constituição do sujeito.

Por muito tempo, a comunidade científica acreditou que a gagueira tratava-se de um distúrbio da fala causado por fatores emocionais, como a ansiedade, o nervosismo e a insegurança. Nos últimos 30 anos, porém, diversos estudos revelaram que essa disfunção possui natureza neurológica e não está atrelada exclusivamente à subjetividade do indivíduo, mas ao funcionamento biológico de seu cérebro.

Segundo o IBGE, a incidência da gagueira é de 5%. Considerando que a população brasileira está estimada em aproximadamente 200 milhões de pessoas, cerca de 10 milhões estão passando por um período de gagueira neste momento. A prevalência da gagueira, por sua vez, é de 1%, ou seja, cerca de 2 milhões de brasileiros gaguejam de forma crônica - há anos ou décadas. Esse número é maior do que a população de Manaus ou Curitiba (INSTITUTO..., s/d, online).

Indivíduos que convivem com a gagueira enfrentam diversas dificuldades rotineiramente. Tratando-se de uma característica pouco esclarecida entre a população, esse distúrbio de fluência é motivo de preconceito, bullying e dificuldades de socialização.

Na tentativa de dar visibilidade ao assunto, algumas personalidades mundialmente famosas já declararam sua gagueira, como Julia Roberts, Samuel L. Jackson, Carly Simon, Harvey Keitel, Bruce Willis e Tiger Woods. No Brasil, o ator Murilo Benício também já assumiu que possui dificuldades na fala. Segundo Gerhardt (2008, online), “o que muitos não sabem é que os aspectos perceptíveis da gagueira somam apenas vinte por cento do processo, [...] os oitenta por cento estão lá, impassíveis, perigosos, dentro de nós”.

Dessa forma, a pergunta problema que guiou este trabalho foi: Como mostrar em um documentário as dificuldades e preconceitos vividos pelos indivíduos que gaguejam?

O objetivo deste trabalho, assim, é mostrar a definição e as características da gagueira, bem como a realidade das pessoas que convivem com esse distúrbio e vivenciam o preconceito, o bullying e as dificuldades de comunicação e socialização.

Para tanto, foi elaborado um documentário jornalístico com experiências sensoriais que aproximam o público da sensação de conviver com a gagueira, desmistificando-a. Apresenta-se também depoimentos de indivíduos disfluente e profissionais especialistas sobre o assunto.

Quanto às justificativas para o desenvolvimento do presente trabalho, destaca-se a experiência de sua autora com a gagueira. Desde pequena, ela convive com as dificuldades trazidas por esse distúrbio e vivencia todos os preconceitos nos diferentes círculos sociais de sua rotina. Ao longo dos anos, percebeu que esse tipo de dificuldade na fala é pouco conhecido pela população e quase sempre mistificado como uma simples repetição de sílabas e palavras em momentos de nervosismo.

Sentiu, dessa forma, a necessidade de explicar a gagueira e como a falta de conhecimento a seu respeito afeta a vida de milhares de pessoas. Visto que o jornalismo busca sempre o novo e o pouco conhecido, a gagueira trata-se de uma pauta importante, justamente para que se torne mais visível e compreendida pela sociedade.

O formato de documentário, nesse contexto, foi o ideal para dar espaço e visibilidade ao tema, pois reúne recursos audiovisuais que permitem a percepção por parte do espectador da gagueira e suas características de forma clara. Foi possível, assim, exibir cenas que despertam os diferentes sentidos humanos para a melhor compreensão e empatia em relação a esse distúrbio.

Para o cumprimento desses objetivos propostos, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, recorrendo ao livro “Autocuidado para pessoas com gagueira”, de Malcolm Fraser, e a artigos como “Gagueira e família: concepções, atitudes e sentimentos manifestados no discurso das mães”, de Eliana de Menezes Martins, acerca da gagueira e das dificuldades de quem gagueja. Foram exploradas principalmente bibliografias que abordam o histórico de estudos sobre ao tema e a evolução de seu entendimento por parte da comunidade médica e fonoaudiológica.

Também foram utilizadas pesquisas exploratórias, por meio da realização de entrevistas e captação de imagens e sons para a elaboração da peça jornalística, o

documentário. Foram entrevistadas as fonoaudiólogas especialistas no assunto, Eliana Rocha e Astrid Ferreira, e pessoas que possuem dificuldades na fala, Gabriel Zappelloni, Caio Zappelloni, Kleverton Nascimento e Luciano Braga.

1. Referencial Teórico

1.1. Gagueira

A fala é vista como algo natural, automático, fácil e simples. Não se leva em conta que o ato de falar envolve diversos mecanismos complexos, desde a seleção e organização mental de palavras que traduzam o pensamento até a transformação dessas ideias em som. Desse modo, quando um indivíduo possui dificuldades na execução dessa tarefa considerada fácil, é submetido a constrangimentos, ridicularizações, discriminações e preconceitos (BLOOD, 1999).

Nesse contexto, apesar de possuir essência neurológica, a gagueira causa impacto de forma mais significativa no trato social do indivíduo que a possui, pois interfere diretamente na comunicação oral e na socialização desde a infância. Segundo Shapiro (1999, p.93), a pessoa que gagueja é frequentemente considerada tímida, nervosa, introvertida ou assustada.

O distúrbio em questão, porém, está relacionado a múltiplos fatores de natureza biológica e psicológica, envolvendo processos linguísticos, afetivos e cognitivos, muitas vezes combinados (ASHA, 1999, p.29). Os primeiros sintomas, apesar de surgirem normalmente na primeira infância, não se manifestam logo quando a criança aprende a falar, mas somente quando começam a se comunicar com outras pessoas. Ao ingressar na escola, a disfluência tende a se agravar, devido à convivência com um maior número de indivíduos que excedem seu círculo social mais íntimo (DINVILLE, 1993, p.2).

Segundo Afonso e Neves (1998, p.108), o contexto social exige regras de reconhecimento e realização. O reconhecimento diz respeito à produção de textos de forma passiva, apenas reconhecendo a especificidade de cada contexto de interação. Já a realização, trata-se da criação especializada de textos de modo ativo, não apenas

reconhecendo os significados necessários nas especificidades comunicacionais, mas combinando-os para produzir texto adequado ao contexto. O desempenho escolar de sujeitos que gaguejam, nesse sentido, pode ficar abaixo da média, principalmente devido ao seu receio de gaguejar, que o impede se manifestar e participar das atividades ativamente (GUITAR, 1998, p.198), dificultando sua capacidade de realização.

Parece, portanto, que o contexto exigente de esforços lingüísticos, comunicação oral e escrita, caracterizados pelo fluxo interrompido de informações, [...] pode levá-los a atitudes de exclusão, além de não expressarem sua fala com receio das reações de rejeição por parte do contexto, favorecendo, neste caso, a construção de mecanismos cognitivos que dificultam a aprendizagem significativa, por compreensão, e a sua integração social (CARVALHO; GALVÃO, 2006, p.2).

O indivíduo que gagueja, assim, está submetido à discriminação desde a infância, criando receios em se comunicar desde a formação de seus primeiros círculos sociais. É nesse período que, segundo Fraser (2008, p.75), ele passa a desenvolver, inconscientemente, mecanismos de fuga da gagueira e de situações em que ela normalmente se manifesta. Os desvios mais comuns são: bloqueios, quando a palavra não é dita e o som não sai; fugas, em que a palavra ou situação passível de gagueira é substituída por outra; repetições, em que os sons se repetem na pronúncia; e prolongamentos, em que as sílabas são ditas de forma mais longa do que o comum (FRASER, 2008, p.75).

Esses mecanismos inconscientes podem representar um problema maior do que se pensa, uma vez que muitas alterações de uma pessoa que gagueja podem ser atribuídas ao seu esforço para adiar e evitar as situações onde se sente ameaçada. A gagueira, dessa forma, de acordo com Fraser (2008, p.75), torna-se a própria busca por evitá-la, ou seja, o padrão de gagueira passa a ser os artifícios usados ao tentar reprimi-la.

Nesse contexto, ainda segundo Fraser (2008, p.76), pessoas que gaguejam recorrem a muitas táticas diferentes de fuga em suas tentativas de minimizar ou escapar do problema, como evitar situações de fala, contato social ou falar ao telefone, usar gestos exagerados, falar muito rápido, repetir palavras ou recomeçar a fala, falar com voz em um único tom ou cantando, variar a intensidade ou a altura da voz, simular comportamento agressivo ou humorístico, escrever o que precisa ser dito, fingir-se de desentendido ou parcialmente surdo, entre outros.

Eu fui até a porta do seu quarto e lá, enquanto permanecia em pé tentando responder, sentia como se algo tivesse me agarrado pelos ombros, sacudindo-me violentamente. Meu rosto, contorcido pela minha luta para vencer o tremor, ficou vermelho e depois roxo. Sentia-me como um balão gigantesco se esticando e ficando cada vez maior, a ponto de explodir a qualquer momento, com uma força devastadora, sem condições de defesa. Justamente neste momento, a palavra “tinta!” saiu de minha boca. Esse foi o pior bloqueio que eu já tinha experimentado. Deve ter durado 40 ou 50 segundos (MURRAY, 1980, p.129).

Murray (1980, p.129) traz um relato de sua experiência pessoal com bloqueios na fala. Ele conta que, quando estudava da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, foi passar duas semanas de férias na casa de sua mãe, passando por diversos momentos de disfluência nesse período. Certo dia, quando estudava em seu quarto, derrubou acidentalmente o vidro de sua caneta tinteiro, o que chamou a atenção de sua mãe e a levou a questioná-lo sobre o que havia ocorrido. Naquele momento, ele enfrentou um forte bloqueio de fluência.

Segundo Fraser (2008, p.76), muitas pessoas que gaguejam têm medo do silêncio e qualquer parada na sua fala traz reações de pânico. Isso acontece pois a maioria das situações de gagueira ocorre nas sílabas iniciais, dificultando o ato de começar a falar e condicionando o indivíduo a evitá-lo. Uma variação das táticas inconscientes de fuga são os adiamentos, que envolvem a interrupção e pausa da fala, como limpar a garganta, engolir, tossir, soprar pelo nariz, acrescentar expressões como: “você sabe”, “quero dizer”, “isto é” ou fazer uso excessivo de interjeições, como: “ãh”, “éh”, “bem”, esperando que outra pessoa supra a falta da palavra. Além disso, também existem as substituições, que envolvem usar sinônimos e trocar palavras ou frases em que há a sensação de que a gagueira aparecerá.

Muitas pessoas que gaguejam sentem que devem estar sempre prontas para qualquer eventualidade, de forma que possam evitar o perigo de ter um bloqueio. Embora trouxessem alívio temporário, as fugas, na realidade, aumentaram seus medos e lhe causaram mais problemas a longo prazo. Elas se mantêm em alerta até que o tempo desgaste sua eficiência. A gagueira será perpetuada pelas fugas bem sucedidas (FRASER, 2008, p.77).

Assim, para o autor, o medo de gaguejar acaba por se tornar a principal causa do problema. A gagueira passa a ser o que a pessoa que gagueja faz tentando não gaguejar. Por isso, o preconceito, a discriminação e o julgamento negativo direcionado a indivíduos que gaguejam é determinante na manifestação e perpetuação do distúrbio.

Fraser (2008, p.126), afirma que, quando a auto-estima da pessoa que gagueja

está reforçada por suas realizações, sucesso ou aceitação social, ela gaguejará menos. Se numa dada situação de comunicação ela espera ou sente pressão, penalidade ansiedade, culpa, hostilidade ou frustração, gaguejará mais. Normalmente, essas situações envolvem falar com autoridades, pessoas que se tornam impacientes, irônicas e as que sofrem quando escutam a fala gaguejada. A associação de palavras ou situações com experiências passadas de gagueira também acentua o distúrbio.

A principal forma de combater a gagueira, portanto, é encarar o medo de gaguejar, de acordo com Fraser (2008, p.127). É preciso que o indivíduo que gagueja aprenda a se tornar menos sensível às reações dos outros e a se recusar a deixar que as respostas das pessoas, reais ou imaginárias, em relação à gagueira, continuem afetando sua saúde mental ou sua paz de espírito.

De maneira geral, os indivíduos que gaguejam são altamente inteligentes e capazes, apesar de esperarem menos de si mesmos devido ao distúrbio. De acordo com Fraser (2008, p.129), é curioso como, ainda assim, muitas pessoas que gaguejam são atraídas para trabalhos ou profissões em que o uso da comunicação verbal é essencial. Ocupações como vendedores, advogados, psicólogos e locutores de rádio estão repletas de indivíduos gogos e, ainda assim, bem sucedidos.

1.2. Documentário

Para Nichols (2005, p.72), os documentários não são uma reprodução da realidade, mas se constituem como representação do que chama de mundo histórico por meio de registros sob determinada perspectiva ou ponto de vista. A forma como as ideias são transmitidas é a voz própria do filme. Segundo o autor, essas obras audiovisuais "transmitem significados, referem-se a sintomas e expressam valores em muitos outros níveis além do que é literalmente dito. [...] Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social".

Nesse sentido, o documentário assume caráter de argumentação, buscando persuadir e convencer o espectador. Para Nichols (2005, p.73), os elementos do filme, registros sonoros e fotográficos, e até o próprio viés artístico pelo qual é transmitido tornam-se argumentos que afirmam um ponto de vista.

Guzman (2017, p.27) cita os recursos narrativos da filmagem, a descrição, a ação, personagens, entrevistas, fotos fixas e objetos e reconstruções. Aplicados de acordo com Nichols (2005, p.73), todos esses elementos tratam-se de argumentos.

Para reforçar o ponto de vista de desmistificação da disfluência, o formato do documentário em questão é híbrido, mesclando o estilo expositivo e poético. O conteúdo expositivo traz definições sobre a gagueira, suas causas e consequências, sintomas e tratamento. Essa abordagem se faz necessária, pois a gagueira e os distúrbios de fluência são mistificados e pouco entendidos pela maioria da população.

Nossa inspiração nasce da subjetividade. Fabricamos obras porque uma visão poética do mundo nos impele. Sem dúvida, admiro o trabalho do jornalismo e dos meios audiovisuais, mas somos muito mais livres e nos movemos no âmbito do instinto e da imaginação (GUZMAN, 2017, p.27).

A abordagem poética, nesse sentido, é muito importante ao tratar da gagueira, assunto pouco difundido, pois permite que o espectador crie empatia para com as pessoas que gaguejam. Trabalhar a subjetividade poética, explorando os sentidos humanos, colabora para que entendam a angústia que advém dessa dificuldade de fluência, bem como os preconceitos que ela carrega consigo.

Ao lidar com um distúrbio pouco conhecido e com indivíduos que enfrentam bullying e preconceitos, o cuidado com a ética na elaboração do documentário é indispensável. Ser ético é equilibrar o viés artístico e criativo com a preocupação com a exposição adequada dos assuntos abordados, construindo o discurso de forma coerente e fidedigna.

[...] consiste em fazer-se aceitar pelas pessoas filmadas – com ou sem câmera – e em convencê-las da importância de colaborar tanto na realização do filme quanto no aprofundamento da pesquisa. Isto significa que a originalidade e o êxito da fase de inserção deve-se principalmente à qualidade moral e psicológica dos vínculos que venham a se estabelecer entre cineasta e pessoas filmadas. (FRANCE apud FREIRE, 1998, p.344).

Dessa forma, os depoimentos das fontes devem ser tratados de modo muito delicado e sensível, respeitando suas dificuldades enfrentadas na convivência com a gagueira e buscando desmistificá-la. É importante buscar situações e experiências em comum entre entrevistador e entrevistados, gerando vínculos para facilitar a naturalidade e tranquilidade da entrevista. Normalmente, quem gagueja já possui grande receio de falar em frente a câmera, por isso essa relação de cumplicidade é essencial.

2. Desenvolvimento da Peça

Após toda a pesquisa bibliográfica, o ponto de partida para a execução da peça jornalística foi buscar histórias e personagens interessantes. Minha maior referência no âmbito de estudos sobre a gagueira é a fonoaudióloga com quem participei de sessões de tratamento no ano de 2018, Eliana Rocha. Ela é diretora clínica do Instituto Brasileiro de Fluência, órgão de excelência em questões de distúrbios da fala. Comecei entrando em contato com ela tanto para me conceder uma entrevista técnica sobre a disfluência quanto para me indicar possíveis entrevistados. Eliana foi extremamente gentil e disparou um email para toda sua base de contatos, que incluía pacientes atuais e antigos, convidando-os a participarem do meu documentário. Foi daí que a minha peça começou a surgir.

A primeira entrevista que realizei foi com a própria Eliana Rocha. Acompanhada de um amigo, fui ao seu consultório e realizei as filmagens sem grandes dificuldades. A conversa fluiu bem e consegui muitas informações importantes acerca de aspectos técnicos sobre a gagueira, como definição científica, causas, consequências, sintomas e tratamento.

Em seguida, comecei a responder as inúmeras pessoas que entraram em contato comigo devido ao email disparado por Eliana. Busquei o máximo possível selecionar fontes com perfis variados no que diz respeito a idade, gênero e classe social. Porém, conciliar as entrevistas com a rotina corrida de trabalho e estudo não me deu muitas possibilidades de escolha. Assim, marquei o máximo de encontros que consegui, independente dos perfis dos entrevistados.

A primeira conversa com uma pessoa que gagueja foi com Gabriel Zappelloni, de onze anos, e seu pai, Caio Zapelloni. Fui à casa da família, novamente acompanhada de um amigo, e encontrei maiores dificuldades na entrevista. Foi bastante difícil executar diversas tarefas ao mesmo tempo, como ajustar duas câmeras com enquadramentos diferentes e seus microfones, conduzir a conversa prestando atenção em todos os detalhes e garantir que o som e a imagem estivessem de boa qualidade. Além disso, Gabriel era muito tímido, tornando ainda mais difícil tirar boas histórias da entrevista.

A segunda entrevista com um disfluyente foi com Kleverton Nascimento, de 22 anos. Marcamos em um local público, o Centro Cultural São Paulo, e a dificuldade dessa vez foi o barulho ambiente. A entrevista em si fluiu de forma mais espontânea, pois Kleverton era mais extrovertido e disposto a falar sobre as dificuldades de lidar com a gagueira no dia a dia, os preconceitos sofridos, suas histórias de vida e percepções sobre o gaguejar. Porém, a qualidade técnica foi abaixo do esperado, com muitas interferências no áudio e imagem comprometida devido a problemas no foco da câmera. Ainda assim, optei por utilizar a entrevista no documentário, pois julguei ser seu conteúdo importante para a trama.

O terceiro e último entrevistado disfluyente foi Luciano Braga. Marcamos uma conversa no Mackenzie e dessa vez compareci sozinha, sem nenhuma ajuda. Depois de algumas dificuldades iniciais com a luz da filmagem, já que o único horário disponível para ambos era na parte da noite, a entrevista foi se tornando a mais emocionante que eu havia realizado. Luciano contou muitas histórias tristes, engraçadas e interessantes. Foram gravados muitos minutos de vídeo de ótima qualidade.

Minha intenção era entrevistar mais pessoas disfluyentes, principalmente de perfis os quais eu ainda não havia abordado, como mulheres e idosos. Infelizmente, a falta de tempo e incompatibilidade de agendas não permitiu colocar a ideia em prática.

Por fim, a última entrevista foi com a fonoaudióloga Astrid Ferreira, que possui um aplicativo recém-desenvolvido para pessoas que gaguejam praticarem a fala. Os comentários de Astrid foram ótimos e funcionaram como um complemento ao assunto, trazendo perspectivas da tecnologia como nova ferramenta para o tratamento da disfluência.

Depois de tantas entrevistas, minha principal dificuldade foi buscar imagens de apoio, pois o tema não oferece elementos óbvios a serem mostrados além da fala. A primeira solução foi inserir uma performance metafórica de dança que eu já havia planejado para demonstrar a sensação física no momento da gagueira. Além dessa gravação, feita por mim mesma no estúdio do Mackenzie, eu não possuía nada além das entrevistas. Com ideias do meu orientador, gravei então uma sessão de exercícios de voz realizada por um grupo de teatro.

Paralelamente à realização das entrevistas, gravei uma performance de dança

com dois bailarinos. A ideia era utilizar recursos poéticos nas cenas inicial e final do filme, trazendo imagens metafóricas que representassem a sensação de gaguejar. Como nenhum dos dois conseguiu demonstrar exatamente o sentimento que eu queria transmitir, gravei eu mesma dançando. O resultado foi satisfatório.

A segunda etapa de realização do documentário, a edição, também foi bastante difícil. Eu não possuía equipamentos necessários para editar, portanto emprestei um computador com o aplicativo Adobe Premiere da empresa em que trabalho. O maior desafio era deixar de lado tantos minutos de gravação para enquadrar o filme no tempo limite de curta-metragem, 25 minutos.

Em relação à trilha sonora e mixagem de som, recebi a ajuda do meu cunhado, Davi Oliveira, que possui um estúdio de música e confeccionou todos os sons para o documentário. Caso contrário, eu utilizaria trilhas brancas disponíveis no Youtube, o que tornaria o filme muito mais genérico e menos interessante.

O documentário finalizado possui 24 minutos e 57 segundos, incluindo as seis entrevistas, a performance de dança, a gravação de exercícios de voz e a apresentação, por meio de fotos, de personalidades famosas que já se assumiram disfluêntes. O resultado não foi totalmente como eu esperava, pois gostaria que o filme ficasse menos carregado de entrevistas e com mais momentos de respiro. A qualidade do som e das imagens também deixou a desejar, principalmente na entrevista com Kleverton Nascimento, em que o foco da câmera se movimentava o tempo todo.

Considerações Finais

Os objetivos deste trabalho foram alcançados de maneira geral. A disfluência, conhecida como gagueira, foi destrinchada e apresentada de modo simples e didático, quebrando pré-conceitos e definições equivocadas. Os relatos das personagens foram significativos e comoventes, causando empatia no espectador para que entenda todos os problemas advindos dessa dificuldade na fala.

A pergunta problema que guiou o trabalho, nesse sentido, foi respondida. A gagueira deve ser mostrada em um documentário de forma delicada e cuidadosa. É

preciso explicar ao espectador que, por mais que o ato de falar pareça simples, para as pessoas disfluentes trata-se de uma grande dificuldade. Justamente por ser comum e se constituir como elemento básico da comunicação entre indivíduos, a habilidade da fala é um fator muito valorizado socialmente, o que desfavorece os disfluentes em todos os seus ciclos de convívio social.

A metodologia de pesquisa bibliográfica e exploratória foi satisfatória. O referencial teórico acerca da gagueira foi suficiente, mas se tratando da teoria de execução de documentários jornalísticos, mais referências poderiam ter sido adotadas, facilitando o processo de produção e edição da peça.

As principais dificuldades encontradas na realização do curta-metragem dizem respeito à captação de imagens e sons. Seria ideal um maior conhecimento técnico para manusear as câmeras e microfones, visto que por muitas vezes dependi de instruções da equipe de técnicos de fotografia da universidade e não fui orientada de forma totalmente correta. Assim, precisei usar imagens que não estavam esteticamente perfeitas, mas que faziam falta na sequência lógica da trama.

Outra grande dificuldade na execução da peça jornalística foi a edição. Idealmente, o documentário não seria composto em tão grande parte por entrevistas, mas teria mais imagens de apoio e momentos além dos depoimentos das fontes entrevistadas. Os registros do grupo fazendo aquecimentos vocais e a performance de dança foram saídas encontradas para amenizar esse problema, mas não foram totalmente suficientes. O resultado final traz um ritmo acelerado com muita informação condensada em pouco tempo de filme.

Apesar de todas essas dificuldades, realizar este trabalho me proporcionou vivências extremamente valiosas para minha formação como jornalista. Entender de perto as inúmeras tarefas para a realização de um filme foi o principal aprendizado. No início, eu idealizava o documentário perfeito e meu objetivo era me destacar entre os Trabalhos de Conclusão de Curso da minha turma. Sempre fui muito exigente comigo mesma e não imaginei que isso seria tão difícil de colocar em prática. As filmagens e a edição são minuciosas e não tive condições de contratar profissionais para me ajudar nesse trabalho.

Todo o processo de apuração representou para mim o meu primeiro trabalho

realmente como jornalista. Até agora, não consegui atuar profissionalmente na área, então foi um momento de provação, de colocar em prática tudo o que aprendi nos últimos quatro anos. Apesar dos percalços, de forma geral, estou satisfeita com o resultado e acredito ter conseguido realizar boas entrevistas e apurações.

Além disso, conhecer mais sobre a disfluência, que esteve comigo desde minha infância, foi enriquecedor. Antes de realizar este trabalho, mesmo convivendo com o problema, eu não tinha muito conhecimento sobre ele, pois sempre adiei meu tratamento e não dei a real importância para a gagueira e o quanto ela me atrapalha. Hoje, depois de toda a pesquisa sobre o tema, consegui ficar muito mais confortável com a minha fala e, inclusive, fiz algumas sessões de fonoaudiologia que me ajudaram bastante.

Por fim, depois de todo o processo, é possível concluir que a disfluência é pouquíssimo conhecida entre a população, abrindo espaço para o bullying e a discriminação. Os indivíduos que gaguejam são marginalizados e excluídos socialmente, frequentemente taxados em tom de humor e desrespeito. Encontrei em minha apuração diversas reportagens de jornalistas renomados que não tratam a gagueira da forma que deveria ser tratada e acredito que fiz minha contribuição para a mudança desse cenário. Assim, o tema da disfluência deve estar cada vez mais em pauta, a fim de desconstruir seus mitos e tornar mais fácil o convívio social de quem vive com essa dificuldade.

Referências Bibliográficas

AFONSO, M.; NEVES, I. P. **Socialização primária e concepções das crianças em ciências**. Lisboa: Revista de Educação, v. 7, 1998.

ASHA, F. **Fluency and Fluency Disorders: terminology pertaining to fluency and fluency disorders**. Maryland, EUA: Guidelines, 1999.

BLOOD, G. W. **The stigma of stuttering: centuries of negative perceptions and stereotypes**. São Francisco, EUA: apresentado na ASHA Convention, 1999.

CARVALHO, A. P. G.; GALVÃO, V. S. **Concepções e atitudes de sujeitos gagos sobre a gagueira**. São Paulo: Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 5, 2006.

DINVILLE, C. **A gagueira: sintomatologia e tratamento**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993.

FRASER, M. **Autocuidado para pessoas com gagueira**. Salvador: EDUNEB, 2008.

FREIRE, M. **Documentário – ética, estética e formas de representação**. São Paulo: Annablume, 2012.

FRIEDMAN, S. **Gagueira: Uma Visão Dialético Histórica**. São Paulo: Editora Santos, 2007.

GERHARDT, A. F. **Não estamos sós**. 2008. IN: Revista Médio Paraíba. Disponível em: <http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=212>. Acesso em: 16 set. 2018.

GUITAR, B. **Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment**. Maryland, EUA: Willians & Wilkins, 1998.

GUZMAN, P. **Filmar o que não se vê**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLUÊNCIA. **Epidemiologia da gagueira**. s/d. Disponível em: <http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=31>. Acesso em: 16 set. 2018.

MURRAY, F. P. **A Stutterer's Story**. Durham, EUA: Stuttering Foundation of America, 1980.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

SHAPIRO, D. A. **Stuttering intervention: a collaborative journey to fluency freedom**. Austin, EUA: Pro-Ed., 1999.